



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

YANNA DA SILVA SOARES

MULHERES E POLÍTICA NA PARAÍBA NA PERSPECTIVA DE GLÓRIA
RABAY

GUARABIRA
2018

YANNA DA SILVA SOARES

**MULHERES E POLÍTICA NA PARAÍBA NA PERSPECTIVA DE GLÓRIA
RABAY**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

Área de concentração: História

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Susel Oliveira da Rosa

GUARABIRA

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676m Soares, Yanna da Silva.
Mulheres e política na Paraíba na perspectiva de Glória Rabay [manuscrito] / Yanna da Silva Soares. - 2018.
19 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Mulheres na política. 2. Paraíba. 3. Glória Rabay. I.
Título

21. ed. CDD 305.42

YANNA DA SILVA SOARES

MULHERES E POLÍTICA NA PARAÍBA NA PERSPECTIVA DE GLÓRIA
RABAY

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em História.

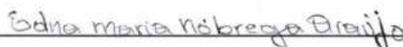
Área de concentração: História.

Aprovada em: 13/11/2019.

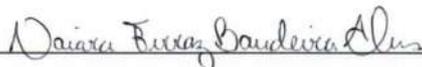
BANCA EXAMINADORA



Profª. Pós-Drª. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora



Profª. Drª. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora



Profª. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Aos meus avós maternos Severina e Antônio, e aos
meus avós paternos Maria e Manuel, os DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela benção recebida de ter concluído esse curso, por estar sempre me abençoando e me dando forças para sempre continuar e nunca desistir.

Agradeço aos meus pais que sempre torcem pelo meu melhor e sempre me apoiaram nesse caminho acadêmico. Eu os amo.

Agradeço às minhas irmãs Maria Ligia e Ivania Livia e ao meu sobrinho por me ajudarem em todos os momentos da minha vida.

Agradeço a todos os professores da UEPB Campus III pelo excelente curso e por todos os ensinamentos para me tornar uma futura professora. Agradeço, em especial, a minha Orientadora Susel por me encaminhar de forma tão perfeita nesse trabalho de conclusão de curso.

Não posso deixar de agradecer a minha querida turma de História, 2014.1, turno noite, por ter me ajudado a superar a dificuldade que tive em apresentar seminários, o que me fez pensar se eu realmente queria continuar o curso de História. Pensei muitas vezes em desistir, mas os meus amigos nunca deixaram isso acontecer. Não sei como agradecer a eles por tudo o que passei, mas agradeço a Deus por ter me presenteado com amigos assim. Obrigada, Deus!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. TRANSIÇÃO DO MUNDO PRIVADO PARA O PÚBLICO: DO VOTO À CANDIDATURA.....	6
3. AS “PREFEITAS”: CATEGORIAS DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA.....	7
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERÊNCIAS.....	14

MULHERES E POLÍTICA NA PARAÍBA NA PERSPECTIVA DE GLÓRIA RABAY

Yanna da Silva Soares¹

RESUMO

Neste artigo busca-se trazer a importância das mulheres na política Brasileira, mais especificamente sua participação na Paraíba. Irá ser apresentada a resistência feminina em um campo antes denominado apenas pelo masculino. Sendo assim, far-se-á uma análise desse tema através das obras de Glória Rabay, Doutora pela UFRN, professora e pesquisadora da UFPB e que como militante feminista teve grande participação em ONGs formadas para mulheres. Em 2009 publicou o livro *Abortamento inseguro: assistência e discriminação* e teve participação em muitos outros campos relacionados às mulheres. Sendo assim, será feita uma ligação entre suas entrevistas e os estudos de Eva Blay sobre a caracterização de algumas “prefeitas”.

Palavras-Chave: Mulheres. Política. Paraíba.

1. INTRODUÇÃO

O recente ingresso das mulheres na política partidária nos mostra que elas estão cada vez mais envolvidas com o mundo político, e principalmente o aumento da sua participação nos âmbitos legislativo e executivo. No entanto, elas nunca foram ausentes dos momentos importantes da sociedade, apenas foram silenciadas por historiadores com conceitos androcêntricos², conforme nos diz Rabay e Carvalho (2010, p. 33): “Como grupo em posição de desigualdade estrutural, historicamente subordinado, as mulheres não possuem as mesmas condições de acesso às arenas políticas e aos canais de poder que os homens.”

Essa participação política partidária feminina ainda é considerada discrepante em relação ao percentual masculino. Tendo em vista que seu percentual de eleitoras é de 52,5%, enquanto as candidatas são de 12% na década de 1980. Por meio de reforma da Lei Eleitoral

¹ Estudante do curso de Graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, CH. Yannagba@hotmail.com

² Tendência de colocar o masculino como sendo papel principal na sociedade, sem que haja nenhuma participação feminina.

em 1995 (Lei 9.100/95) ³houve um aumento significativo na participação feminina no âmbito partidário político, principalmente no poder municipal Paraibano.

De acordo com Rabay “em fins do século XIX e início do século XX as ideias feministas de emancipação política encontraram eco no Brasil através das *sufragistas*” (RABAY; CARVALHO, 2010, p.13). Essas mulheres realizavam movimentos de luta pelo voto feminino que com o tempo se tornou tão organizada que denominaram de Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada em 1922. “Em alguns estados, era comum tratar a sufragista como uma revoltada que procura abafar seus padecimentos, querendo não ser companheira do homem, mas sua rival [...]” (Eudesia VIEIRA, Apud RABAY, 2010, p.13)

Tendo em vista todo esse momento de exclusão da mulher na história política da sociedade iremos realizar essa pesquisa através das análises e obras de Gloria Rabay como sendo fonte principal desse estudo. Em seu livro *Mulher e política na Paraíba: Histórias de vida e luta* que tem como recorte temporal os anos de 1998 a 2007 ela descreve a participação de quinze mulheres na política Paraibana. Nesse livro é abordada a forma de vida dessas mulheres, como foram criadas, que tipo de educação tiveram, se possuem algum parente político pertencente a suas famílias e que tipo de candidatas se caracterizam.

Na Paraíba as prefeitas se caracterizavam em três tipos de categorias: a prefeita esposa, a prefeita coronel e a prefeita por iniciativa própria. De acordo com Blay (2015) essas três disposições sobre as mulheres políticas influenciavam diretamente em seu tipo de governo. Iremos entender como cada uma dessas mulheres chegou ao poder municipal.

Geralmente as mulheres são vistas como seres delicados e sentimentais e que sempre estão voltadas para o mundo familiar, sendo, muitas vezes, concentradas nos afazeres de sua casa. Desse modo, as mulheres quando se inserem na política, inicialmente, são denominadas de incapazes para o trabalho de comandar um poder executivo como o de prefeita em uma cidade, porém vamos perceber maior participação feminina em políticas públicas ligadas as mulheres, crianças e idosos.

No primeiro momento veremos o desenvolvimento das mulheres e sua transição de um mundo privado, que é o lar, para o âmbito público ao longo dos anos. No segundo momento veremos a denominação de cada tipo de prefeita e seu envolvimento com as políticas públicas.

³ Para alterar a desigualdade no percentual político entre homens e mulheres, a Deputada Federal Marta Suplicy, juntamente com movimentos de mulheres, conseguiram como resultado a obrigação de uma cota mínima de 20% de participação feminina em candidaturas municipais.

2. TRANSIÇÃO DO MUNDO PRIVADO PARA O PÚBLICO: DO VOTO À CANDIDATURA

Quando falamos sobre o ingresso da mulher na política pensamos imediatamente em toda dificuldade e preconceito que sofreram para chegar a ter esse poder, sem falar no alto grau de discriminação que recebem. “Tendo, a mulher, sua vida controlada por estes, pai ou marido, que direcionavam suas atividades, vestimentas e até mesmo sua fala que muitas vezes foi silenciada por julgarem que as mulheres eram inferiores” (GOMES, 2009, p.11)

No início do século XX as ideias feministas já estavam se organizando e as mulheres criando coragem de enfrentar as dificuldades machistas que envolviam o mundo. Uma das primeiras conquistas feministas foi possuir o direito ao sufrágio, esse direito abria um amplo espaço para as mulheres, pois elas agora teriam a liberdade de votar e se candidatar para serem votadas. Enquanto candidatas, muitas escolheram concorrer às prefeituras das respectivas cidades:

Por diversos motivos, o poder local tem sido pensado como um espaço privilegiado da participação feminina no campo político. A proximidade do lócus de atuação política (a prefeitura) do lar, permitindo a conciliação entre as obrigações políticas e as obrigações familiares, a percepção de que a edilidade demanda ações próximas às necessidades reprodutivas relacionadas à saúde, educação, limpeza urbana, e o questionamento corrente a respeito de uma dependência feminina em relação à família e aos esquemas político-familiares, são elementos que podem contribuir para uma percepção sobre a cidade como um espaço que demanda cuidados femininos, especialmente quando se trata das pequenas cidades do interior (RABAY; CARVALHO, 2014, p. 2)

O Partido Republicano Feminino, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e suas entidades estaduais foram espaços de grande concentração de debates e lutas em prol de demandas femininas. Luísa Alzira Teixeira Soriano foi a primeira prefeita eleita no Brasil quando disputou as eleições no ano de 1928 na cidade de Lajes no interior do Rio Grande do Norte. Só após 30 anos desse acontecimento ocorreu que outra mulher exerceria o mesmo cargo novamente no Brasil.

De acordo com Rabay e Carvalho (2010) “a via da própria militância política requer, portanto, a liberação dos obstáculos inerentes ao papel tradicional, tanto no âmbito privado (a liberação de encargos domésticos e familiares), quanto no âmbito público (o enfrentamento, neutralização ou reversão de preconceitos sexistas).” Sendo assim, percebemos a dificuldade nessa transição do mundo privado para o público, conquistada através de muitas lutas,

A conquista das mulheres do direito de votar e de ser votada foi fruto de muita luta, em todo o mundo. Este direito foi conquistado, na quase totalidade dos países, apenas no século XX. No Brasil, o direito de voto das mulheres data de 1932, através do Código Eleitoral Provisório, e mesmo assim, com reservas (direito garantido apenas às mulheres casadas com autorização dos maridos e a algumas solteiras ou viúvas, com renda própria). Em 1934, por ocasião da aprovação da nova Constituição, foram eliminadas as restrições existentes e o voto feminino foi considerado obrigatório apenas para as mulheres que ocupassem cargos públicos. Só na Constituição de 1946, a obrigatoriedade do voto para todas as mulheres foi instituída, como ocorria para os homens. (RODRIGUES, 2004, p.7)

Com relação à transição do mundo privado das mulheres, que seria sua casa e seus afazeres domésticos, para um mundo público, que seria sua participação na vida política, percebemos como sendo uma grande vitória. Essas atitudes nos fazem entender a sua escolha pelo poder municipal. Veremos que essas mulheres sempre acabam se envolvendo em políticas públicas sociais, antes ou depois de adentrarem nesse meio político.

3. “AS PREFEITAS”: CATEGORIAS DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA

As pesquisas sobre a história política sempre foram rejeitadas pela escola dos Annales por se tratar de uma história linear e considerada elitista. Há pouco tempo se estuda a história política, todavia, a história das mulheres que resolvem assumir essa responsabilidade pública vem de estudos ainda mais recentes. É fato, portanto, que em grande parte das pesquisas houve apenas análises do lado androcêntrico da história política, ou seja, apenas era estudada a participação masculina.

De acordo com os estudos de Eva Blay (2015) vamos entender que o modo como ocorriam as eleições influenciavam diretamente na coleta de dados para essas pesquisas históricas. Simplesmente não existia a distinção de sexos na contagem de votos e para definir quem era eleito os dados arquivados das eleições não distinguiam a quantidade de participação de cada gênero. Sendo assim, para ser realizada uma pesquisa mais detalhada era muito mais difícil de se trabalhar. “No caso de um estudo específico de participação política da mulher, o panorama se agrava mais, pois, até mesmo para se obter o número de eleitores, por sexo, é necessário recorrer diretamente ao Tribunal Superior Eleitoral.” (BLAY, 2015, p. 11)

Com o aumento da participação feminina na política, inclusive nos cargos de prefeitas na Paraíba a partir dos anos 80, se iniciaram alguns estudos sobre essas mulheres. Sendo assim, houve uma caracterização para as prefeitas, sendo divididas em três tipos de mulheres.

Existia a Prefeita Coronel, a Prefeita Esposa e a Prefeita por Iniciativa Própria. Cada uma dessas mulheres teve sua forma de se ingressar na política e de conseguir capital para se manter nela. Cada uma teve sua forma de governo e seus envolvimento com políticas públicas.

De acordo com a pesquisa de Blay (2015) “as prefeitas ‘Coronel’ assumem a posição dos respectivos grupos familiares, seja daqueles onde nasceram como daqueles aos quais passaram a pertencer, através do casamento.” (BLAY, 2015, p.41). Atualmente está mais difícil caracterizar os tipos de prefeitas em apenas três denominações. Trazendo os estudos de Eva Blay (2015) para o presente iremos analisar alguns exemplos de mulheres políticas entrevistadas por Glória Rabay.

Através da análise de Eva Blay e das entrevistas feitas por Glória Rabay veremos que Olenka Targino Maranhão Pedrosa, eleita aos 22 anos prefeita da cidade de Cacimba de Dentro, no ano de 1992, na Paraíba, demonstra ser um exemplo de Prefeita Coronel. “É filha de Wilma Maranhão, política influente na microrregião do Curimataú, várias vezes prefeita de Araruna, e sobrinha de José Maranhão, ex-governador da Paraíba” (RABAY; CARVALHO, 2010, p.56)

Na entrevista cedida à Glória Rabay Olenka Maranhão demonstrou que sua forma de entrar na política se deu através de envolvimento com políticas sociais para pessoas da zona rural, porém também reconheceu a grande importância de pertencer a uma família influente na política que, conseqüentemente, lhe ajudou a ingressar com maior facilidade nesse meio tão masculinizado.

Figura 1: Olenka Maranhao



Fonte: Página do Mais PB⁴

⁴ Disponível em: <http://www.maispb.com.br/244137/olenka-maranhao-entrega-secretaria-do-trabalho-e-renda-de-joao-pessoa.html>. Acesso em: 01 nov. 2018

“Eu ingressei na política porque sempre fiz trabalho de base, trabalho de comunidade. Nós temos origem rural e sempre participamos ativamente... Eu, desde muito cedo, participei destes trabalhos sociais, trabalhei junto a algumas associações comunitárias...” (Olenka Maranhão em entrevista à Glória Rabay, no ano de 1999.)⁵

Observando essas características de Olenka Maranhão podemos entender um modelo de “Prefeita Coronel” onde a mulher, além de pertencer à família influente do local, está sempre envolvida com projetos sociais. No caso dela, sempre esteve presente na zona rural da cidade que se candidatou a prefeitura.

Outra categoria definida por Blay (2015) é a “Prefeita Esposa” que seria a mulher que assumiria o poder apenas por vontade de seu marido. Por muitas vezes eles eram impedidos de se candidatarem aos cargos eletivos ou sofriam alguma inelegibilidade. No entanto, para manter o poder local, eles colocavam suas esposas para concorrer ao cargo executivo. Sobre esse tipo de prefeita Eva Blay explica que “exercer o cargo é, na verdade, uma delegação do marido. Quando ela tem de tomar uma decisão importante para o município é o “marido” o consultado.” (RABAY; CARVALHO, 2010, p.42). Corroborando essa pesquisa com as entrevistadas de Rabay e Carvalho (2010) vamos analisar uma mulher na política que atenda a essas características.

Eurídice Moreira da Silva, mais conhecida como Dona Dida, teve participação na candidatura do seu marido para prefeito da cidade de Itabaiana. Desde sua infância Eurídice foi educada a ser uma mulher independente e procurar sua educação acima de tudo, sempre foi focada nos estudos e se tornou professora ainda na adolescência, antes mesmo de chegar a Universidade.

“Desde jovem, Dona Dida sabia que a vida não podia ser pautada apenas pelo desejo de casar, comum entre as mulheres de sua geração” (RABAY; CARVALHO, 2010, p.87). Aos 17 anos já ensinava Francês e no primeiro ano da faculdade se tornou professora do colégio Liceu. Aos poucos foi sendo reconhecida pelo seu trabalho até chegar ao ponto de ir estudar na França. Nesse período ela já estava noiva e teve que adiantar seu casamento para viajar casada:

[...] Depois de um ano, eu voltei e pus em ordem a minha vida. Eu tive que ir para Itabaiana, onde vivia meu marido, e tinha que optar entre a minha profissão e meu casamento. Porque, com a minha ausência, a coisa já estava esfriando um pouco e, apesar de muito apegada à minha profissão, fiquei em Itabaiana. (Eurídice Moreira em entrevista à Glória Rabay, no ano de 1999.)

⁵ Todas as entrevistas das mulheres candidatas foram cedidas à Glória Rabay em seu livro *Mulher e Política Na Paraíba: Histórias de Vida e Luta*.

Dona Dida não conseguiu se acostumar a apenas ficar em casa e cuidar dos afazeres para seu marido. Logo que este assumiu a prefeitura Dona Dida que resolvia todo o trabalho. “Aglair da Silva, seu marido, foi eleito em 1976, mas foi Dona Dida que assumiu grande parte das responsabilidades, com edilidade nesse mandato, que terminou em 1982, adquirindo gosto pela cidade...” (RABAY; CARVALHO, 2010, p. 89). Ela se sentia viva em participar das criações de políticas públicas, principalmente na educação, que era a área que mais se identificava.

Durante o primeiro mandato do marido na prefeitura de Itabaiana, Dona Dida já despontava como sua futura sucessora, reconhecidamente com um potencial eleitoral mais forte que o do marido. Entretanto, como esposa do prefeito em exercício, estava legalmente impedida de se candidatar. (RABAY; CARVALHO, 2010, p.89)

Figura 2: Eurídice Moreira da Silva



Fonte: Página do Eleições e Política⁶

Dona Dida se candidatou a prefeitura de Itabaiana, mas apesar de vencer com grande parte dos votos não obteve êxito, pois teve inelegibilidade por ser esposa do atual prefeito. Seu marido não quis mais se envolver em política e continuou sua antiga profissão, a de médico. Mesmo assim, Dona Dida continuou apoiando outros candidatos e tendo influência nas políticas públicas educacionais da sua cidade.

De acordo com Blay a “prefeita esposa” não decide por si mesma o seu futuro político, porém, nesse caso, Eurídice Moreira decidiu seguir a política. Seguindo a linha de pensamento de Eva Blay vamos ver que a mulher não tomava decisões políticas e, caso

⁶ Disponível em: <https://www.eleicoesepolitica.net/prefeito2004/prefeito/PB/20397/14>. Acesso em: 05 nov. 2018.

precisassem tomar alguma decisão importante para a prefeitura, sempre consultavam seus maridos. Percebemos que Eurídice não possui essas características, porém foi muito influenciada por seu marido e teve através dele a oportunidade de lidar com a comunidade.

A terceira característica é a “prefeita por iniciativa própria”. Nas entrevistas feitas por Rabay percebemos que há um grande número desse tipo de prefeita. De acordo com Blay (2015) “às vezes são as próprias condições de vida que oferecem à mulher possibilidade de atuar politicamente.”

“As atividades ligadas ao ensino, à assistência médica, sanitária, educativa ou religiosa, acabam dando popularidade a certas mulheres, introduzindo-as na política” (BLAY, 1981, p.43). Unindo essa análise feita por Blay sobre a prefeita por iniciativa própria com as mulheres entrevistadas por Rabay vamos ter o exemplo de Nadja Diógenes Palitot y Palitot.

Nadja Palitot mostrou ser uma mulher muito determinada, leu livros de autores como Kropotkin e Malatesta que fez ela não gostar de política e ter pensamentos anarquistas, porém sempre foi feminista, mesmo sem saber o que isso realmente significava, lutava pela igualdade feminina tendo sua vida pautada em tentar ingressar em mundos masculinizados. Aos 16 anos se casou e depois de algum tempo teve filhos, toda essa responsabilidade não atrapalhou seu objetivo de prosseguir com suas determinações e aos 18 anos entrou na faculdade de direito, pois ainda não existia o curso que queria, o de jornalismo.

“Formada em Direito, já estabelecida como advogada criminalista, candidatou-se às eleições para o conselho seccional da Ordem dos Advogados do Brasil.” (RABAY; CARVALHO, 2010, p. 205). Candidatar-se às eleições da OAB estava mostrando a determinação de Nadja Palitot:

Território muito machista, mas que me acolheu muito bem. Fiquei na OAB e fomos pioneiros em fundar a comissão de Direitos Humanos. Os conselheiros mais velhos olhavam desconfiados para mim. Uma mulher, com idade de ser filha deles, fundando comissão de Direitos Humanos e dizendo abertamente nas reuniões de conselho que era anarquista... Mas eles suportavam isso, acho que eles achavam, talvez, um pouco engraçado, pueril. (Nadja Palitot em entrevista à Glória Rabay, no ano de 1998.)

Não demorou muito para Nadja ser convidada a filiar-se pelo PDT e iniciar sua vida política. Seu envolvimento profissional com Lúcia Braga⁷ também lhe trazia muita aprendizagem: Como o PDT era um partido de esquerda e, apesar de Wilson Braga, eu conhecia o trabalho de Lúcia Braga e sua equipe, resolvi me filiar. Assim, eu teria tempo de

⁷ Lúcia Braga teve grande importância na história Política do Brasil e da Paraíba. Casada com Wilson Braga considerado um político influente, esta obteve passagem na Assembleia Constituinte e em 1994 chegou a ser candidata ao governo do estado. Em 1999 ingressou na Assembleia Legislativa Estadual, aos 63 anos.

decidir; se quisesse me candidatar, estava filiada. (Nadja Palitot em entrevista à Glória Rabay, no ano de 1998.)

“Sua estreia na política partidária, em 1992, foi marcada pela garra, rapidez e senso de oportunidade. Quase foi eleita e conseguiu ficar na suplência, vindo a assumir o cargo de vereadora oito meses depois de ter iniciado o mandato.” (RABAY; CARVALHO, 2010, p.208). Nesse período ela teria sido convidada por Raimundo Nonato para ser vereadora pelo PDT.

Figura 3: Nadja Diógenes Palitot y Palitot



Fonte: Imagens Google⁸

Não demorou muito para Nadja Palitot sonhar mais alto e investir em seu potencial. “Mais uma vez, com o apoio da família e filiada à novo partido, em 1996, Nadja se lançou em nova campanha, desta vez pela prefeitura da capital. Chegou a ameaçar os adversários, mas, ao final, não obteve sucesso.” (RABAY; CARVALHO, 2010, p.211). Nadja não desistiu e com mais algum tempo atuando publicamente e formando seu nome na política, em seu primeiro mandato como vereadora conseguiu capital político para se candidatar como Deputada Federal, não conseguindo ser eleita para a Câmara Federal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho veio apresentar a forma de transição das mulheres de um mundo privado, que seria denominado apenas por sua casa, seus filhos e seu marido para um novo

⁸ Disponível em: <http://antigo.cmjp.pb.gov.br/noticia.php?id=9887>

mundo, um ambiente masculinizado e que sempre fora ocupado por homens que é a política partidária. Podia se dizer que um homem era político, mas uma mulher estava apenas inserida nela, não fazia parte natural da sua vida.

Observando esses acontecimentos podemos unir os estudos de Eva Blay e Glória Rabay para analisarmos algumas mulheres que resolveram por si só, ou por vontade alheia, entrar na política. Através dessas análises feitas por esses estudos podemos caracterizar três exemplos de mulheres em três conceitos de prefeitas. Algumas delas não conseguiram ser eleitas prefeitas, mas se candidataram e tiveram grande significância na história política do Brasil, e mais especificamente na Paraíba.

Nesse mundo sexista e masculinizado, que é o mundo político, podemos estudar as atitudes dessas mulheres para entrarem nesse mundo e como se mantiveram. Na maioria das vezes elas se envolvem em políticas públicas envolvendo mulheres, crianças e idosos. As mulheres sempre cuidam da cidade como se fossem seu lócus privado, a sua casa.

REFERÊNCIAS

BLAY, Eva Alterman. *As prefeitas: a participação política da mulher no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas: CERU/FFLCH/USP, 2015.

CMJP, Nadja Palitot. Disponível em<: <http://antigo.cmjp.pb.gov.br/noticia.php?id=9887>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

DIREITOS E LEGISLAÇÃO. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/poder-e-participacao-politica/direitos-e-legislacao>. Acesso em: 05 nov. 2018.

ELEIÇÕES E POLÍTICA, Eleições Municipais 2004. Disponível em: <<https://www.eleicoespolitica.net/prefeito2004/prefeito/PB/20397/14> >. Acesso em: 5 nov. 2018.

GOMES, Leidiane Leandro. **A mulher e a conquista de um espaço: Trajetória da mulher e o mercado de trabalho**. 2009. 43f. Monografia de pós-graduação – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2009.

MAISPB, Olenka entrega secretaria em João Pessoa. Disponível em: <<http://www.maispb.com.br/244137/olenka-maranhao-entrega-secretaria-do-trabalho-e-renda-de-joao-pessoa.html>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

NOGUEIRA, Maria Janilma. **Entre o público e o privado: uma análise da trajetória de Lúcia Braga na Paraíba**. 2012. 45f. Monografia para Especialização – Universidade Estadual da Paraíba: Guarabira, 2012.

RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina pessoa. **Mulher e política na Paraíba: Histórias de vida e luta**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

RODRIGUES, Almira. **PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES E GESTÃO EM POLÍTICAS DE GÊNERO**. Brasília: CEMEFEA, 2004.

RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. **As prefeitas em perspectiva: representatividade feminina na política paraibana**. Revista Eletrônica de Ciência Política, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 99-111, 2016.

ABSTRACT

In this article, I seek to bring the importance of women in Brazilian politics, specifically their participation in Paraíba. I will present female resistance in a field formerly termed male only. Therefore, I will make an analysis of this theme through the works of Gloria Rabay, she is a PhD from the Federal University of Rio Grande do Norte, a professor and researcher at the UFPB, as a feminist militant who had a great participation in NGOs formed for women, published in 2009 the book "Unsafe abortion: assistance and discrimination" and participated in many other fields related to women. Therefore, I will make a connection between her interviews and the studies of Eva Blay, about the characterization of some mayors.

Keywords: Woman. Politics. Paraíba.